

O Absoluto na filosofia hegeliana

The Absolute in the hegelian philosophy

Alexandre Tuma Junior¹

Resumo: Busca-se neste trabalho compreender o Absoluto e, respectivamente, as implicações do conceito de religião na filosofia hegeliana. Para tal, utilizamos a obra *Enciclopédia das Ciências Filosóficas (1830): 3. Filosofia do Espírito* (São Paulo: Editora Loyola, 1995). Por conseguinte, para Hegel o Absoluto tem como ponto-chave um sujeito, finito e particular, em unidade com o infinito, tal que este ser transcendendo o imediato, torna-se universal. Essa definição nos mostra o caráter fundamental do conceito de religião, isto é, a unificação do finito (homem) com o divino (Deus ou Espírito Absoluto). Desta forma, uma das tarefas da religião para a compreensão do Absoluto é a internalização do que é corporificado na forma sensível. Para Hegel, a inteligibilidade do Absoluto se desenvolve a partir de três momentos de apreensão: a Arte, a Religião e Filosofia. Logo, o Absoluto assume três momentos de apreensão, sem perder de vista a religião como mediadora do sujeito para com o Absoluto. O presente trabalho está dividido: (1). O Absoluto na filosofia hegeliana; (2). O conceito de religião na filosofia hegeliana; e, (3). Considerações Finais.

Palavras-chaves: Religião. Hegel. Absoluto.

Abstract: This paper seeks to understand the Absolute and, respectively, the implications of the concept of religion in Hegelian philosophy. To this end, we used the *Encyclopedia of Philosophical Sciences (1830): 3. Philosophy of the Spirit* (São Paulo: Editora Loyola, 1995). Therefore, for Hegel the figure of Christ has as its key point a subject, finite and particular, in unity with the infinite, such that this being transcending the immediate, becomes universal. This definition shows us the fundamental character of the concept of religion, that is, the unification of the finite (man) with the divine (God or Absolute Spirit). Thus, one of the tasks of religion for the understanding of the Absolute is the internalization of what is corporate in the sensitive form. For Hegel, the intelligibility of the Absolute runs from three moments of apprehension: Art, Religion and Philosophy. Therefore, the Absolute assumes three moments of understanding, without losing sight of religion as the mediator of the subject for the Absolute. The present work is due: (1). The Absolute in Hegelian philosophy; (2). The concept of religion in Hegelian philosophy; and, (3). Final Considerations.

Keywords: Religion. Hegel. Absolute;

* * *

O Absoluto na filosofia hegeliana

¹ Graduando em Filosofia pela Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). E-mail: alexandre.tuma@unesp.br.

Como enunciado por Hegel na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas (1830)*²: 1. *A Ciência da Lógica*, a tarefa da religião e da filosofia desnuda-se na compreensão da *verdade* em seu *sentido* mais alto: Deus ou *Espírito Absoluto*. Desta maneira, o Absoluto pode ser compreendido como o início e o fim, uma vez que Deus ou Espírito Absoluto é

criador dos seres e das coisas, e, também, é a essência que se conhece a si mesmo, o espírito autoconsciente, a Razão que se sabe, etc. Por conseguinte, Hegel define que o *verdadeiro* é o Todo, e o Todo se exprime no significado de Deus ou Espírito Absoluto. Ademais, todas as representações que constitui o Todo, constitui o Absoluto, a Ideia, a Ideia da filosofia. Desta maneira, Hegel desenvolve a apreensão do Absoluto através de três momentos: a Arte, a Religião e a Filosofia.

Em linhas gerais, a arte é a corporificação da Ideia, a expressão do imediato cindindo-se em natureza e espírito. A arte é a representação da Ideia (tanto no sujeito que a venera, como no sujeito que a produz e completa), uma vez que a arte representa a determinidade do conteúdo. Hegel (1995) escreve que,

A arte, para as intuições a serem produzidas por ela, necessita não só de um material exterior dado, a que também pertencem as imagens e representações subjetivas, mas, para a expressão do conteúdo espiritual, [precisa] também das formas dadas pela natureza quanto à sua significação que a arte deve pressentir e possuir. Entre as configurações, a humana é a mais alta e a verdadeira, porque somente nela o espírito pode ter sua corporeidade, e assim sua expressão contemplável (HEGEL, 1995, p. 342).

Como se vê, a arte mesmo necessitando das intuições produzidas pelo homem, necessita da forma da natureza para se elevar em conceito, uma vez que para Hegel a religião, em especial, a religião cristã, representa o Absoluto adequadamente.

Contudo, antes da religião cristã, Hegel desenvolve a primeira determinação da representação do Absoluto quando cita os povos gregos. Considerado pelo filósofo como a expressão mais elevada, a religião grega tomou forma antropomorfa, isto é, uma forma abstraída do sensível que se torna sujeito. A Religião da Arte é o saber de si do espírito ético, surgindo entre a Religião da Natureza e Religião Cristã, em que a

² “A filosofia não tem como vantagem, de que gozam as outras ciências, de poder *pressupor* seus *objetos* como imediatamente dados pela representação; e também já admitido o *método* do conhecer - para começar e ir adiante. Em primeiro lugar, a filosofia tem, de fato, seus objetos em comum com a religião. As duas têm a *verdade* por seu objeto, decerto no sentido mais alto: de que *Deus* é a verdade, e *só* ele é a verdade. Além disso, ambas tratam do âmbito do finito, da *natureza* e do *espírito humano*; de sua relação recíproca, e de sua relação com Deus, enquanto sua verdade.” (HEGEL, 1995, §1, p. 39).

consciência de si do espírito é a humanidade infinita. Em linhas gerais, a religião da arte é o caminho para a revelação da subjetividade. Dessa maneira, o desígnio do hegelianismo é apreender a verdade como certeza de si. A Religião da Arte humaniza o divino. A união das duas determinações, divina e humana, não é, com efeito, uma unidade estática, mas um vir-a-ser³. A Religião da Arte conduz o saber do espírito como substância ao saber do espírito como sujeito. “O pensamento representativo sempre apreende os termos da contradição em sua exterioridade sem espírito, e não pode compreender que o próprio Deus põe sua alteridade, para se encontrar com Si e espírito” (HYPPOLITE, 1999, p.594). O espírito absoluto aparece como saber de si da humanidade, sendo a consciência da história efetiva, sendo que a filosofia desembaraça a imediatez das paixões para se entregar à contemplação.

Para Hegel, a arte necessita de um material exterior dado, que são pertencentes nas representações subjetivas; sobretudo, o subjetivo não é suficiente, mas necessita das formas dadas pela natureza para expressar o infinito em sua corporeidade (no caso, através de símbolos), tornando a expressão contemplável. Segundo Hegel (1995):

O espírito absoluto não se pode explicitar em tal singularidade do configurar: o espírito da bela arte é, portanto, um limitado espírito de um povo, cuja universalidade essente em si, ao avançar para a ulterior determinação de sua riqueza, decompõe-se em um politeísmo determinado (HEGEL, 1995, p. 342).

Neste sentido, a religião da arte se exprime em um povo, em que a universalidade essente em si avança para a última determinação de sua riqueza, ou seja, a decomposição de um politeísmo determinado. Por conseguinte, a unilateralidade da imediatez contém o seu oposto: a de ser feito pelo artista. O artista se expressa na forma de atividade, no qual a obra de arte é a expressão desta forma. A arte, por meio da beleza, representa Deus, uma vez que o Absoluto se apresenta como intimidade na exterioridade. Além disso, a conexão da arte com a religião se mostra na medida que àquelas religiões, cujo o princípio é a espiritualidade concreta tornada livre em si mesma se manifeste em espiritualidade absoluta. A religião da arte, segundo Hegel, tem o seu futuro na verdade.

³ Hyppolite escreve que “os três momentos do vir-a-ser são a obra de arte abstrata, em que o espírito ético aparece sob a forma de puras figuras divinas, a obra de arte viva, em que o homem se torna a figura elaborada do divino nas festas e nos jogos, e a obra de arte espiritual, em que o espírito reside na linguagem dos epos, da tragédia e da comédia.” (HYPPOLITE, 1999, p. 578).

Por sua vez, a religião está implicada essencialmente no conceito de religião verdadeira, isto é, cujo o conteúdo é o espírito absoluto, revelada somente pelo Absoluto. Para Hegel, o espírito só é espírito na medida em que é *para* o espírito, manifestando-se a si mesmo.

Segundo a *forma* o Absoluto é *representação*. Na *forma*, os diferentes momentos do conceito se dividem em *esferas particulares* ou elementos particulares, em que cada elemento particular o Absoluto se expõe. Segundo Hegel, as determinações do Absoluto se dividem em: (1) conteúdo eterno, que permanece junto de si em sua manifestação; (2) diferença entre essência eterna e manifestação – entre fenômeno e manifestação. Por conseguinte, na universalidade, na esfera do puro pensamento, o espírito absoluto que é pressuposto. Segundo Hegel, o Absoluto é potência substancial. No momento da singularidade, isto é, da subjetividade e do conceito mesmo, o Absoluto se manifesta como pressuposição, a substância universal, que através de sua abstração se efetivou na consciência de si singular, sendo idêntica à essência. Esse Absoluto é a pressuposição essente em si para a imediatez finita do sujeito singular. O pensamento enquanto forma é o conteúdo do Absoluto.

Por sua vez, a filosofia é a ciência que une a arte e a religião. A produção subjetiva e o fracionar do conteúdo em muitas figuras são reunidos na totalidade da religião. É a partir do conceito que a multiplicidade das determinações é compreendida como necessário (Bedürfnis). A filosofia se determina como a necessidade do conteúdo da representação absoluta a partir da revelação objetiva e do exterior, e da introdução do em si objetivo e do movimento para fora do sujeito a partir da fé. Desta maneira, a filosofia se mostra como o reconhecimento de seu próprio conteúdo e de sua forma exterior. Esses dois movimentos, segundo Hegel, já se encontram realizados, pois, apreende sua conclusão em seu próprio conceito, isto é, um olhar para o seu próprio conhecimento.

Doravante, segundo Hegel, a diferença da religião para com a filosofia se define quanto forma. Ou seja, a forma do pensar especulativo e as formas das representações e do entendimento reflexivo. Sendo que somente o fundamento do conhecimento das

formas pode adquirir a convicção verdadeira: de que as determinações do conteúdo e da religião são os mesmos.

Consequentemente, a aparição do Absoluto, segundo Hegel, se apresenta em três

silogismos: (1) o lógico e a natureza como ponto de partida, concluindo-se como meio termo do espírito mesmo; (2) a aparição do espírito mesmo, sendo o silogismo na reflexão espiritual na ideia; e, (3) como ideia da filosofia, a razão que se sabe, o absolutamente universal, cindindo-se em espírito e natureza.

O conceito de religião na filosofia hegeliana

A religião precede o saber absoluto, pois a religião é a apresentação da verdade especulativa. A religião é a consciência de si do espírito, não sendo saber absoluto ainda, pois o conhecimento do espírito só é conhecido no elemento da representação. A filosofia é enriquecida pelo aporte da religião, e particularmente do cristianismo, de que se pretende ser vista. A religião é vista como a manifestação fenomênica da consciência de si do espírito.

O reconhecimento de si no outro é a consciência de si do espírito. Na religião atingimos o campo original da experiência humana. O espírito representa a si mesmo em si mesmo, sendo para si, o saber de si. Ademais, os momentos da religião não são representáveis no tempo, pois tornaram-se atributos da substância espiritual. A história da religião, do saber de si do espírito, é, ao mesmo tempo, a história do espírito do mundo, que na religião, o espírito se sabe como espírito. Nossa consciência acerca da religião é imperfeita, pois, serve do mundo no qual vivemos como signo ou símbolo do espírito absoluto. A dialética geral da religião é a revelação progressiva do espírito a si mesmo. A primeira revelação é a revelação da natureza, no qual o espírito se sabe imediatamente. O objeto da revelação da natureza tem a forma do ser em geral (consciência) ou aquela do senhor em oposição do escravo (consciência de si imediata).

A religião é dialética: o espírito fenomênico é o espírito absoluto consciente de si mesmo, sendo a dialética a relação que domina toda a história da religião. O espírito absoluto, Deus, tem como essência manifestar-se no tempo. A manifestação do tempo é a manifestação da eternidade. Doravante, a concepção do Absoluto diferente enquanto conceito, pois, para Espinosa, Deus é somente substância. Para Hegel, o Absoluto se apresenta como sujeito, como saber si, sempre mantendo a superação necessária do

homem. O domínio da religião é o domínio da *Vorstellung*, que a forma mais interior da consciência. Segundo Taylor (2014):

E assim chegamos ao segundo nível, à religião. Esse é o domínio da *Vorstellung*, que é a forma mais interior da consciência. Ela é, em certo

sentido, uma internalização do que é corporificado na forma sensível das artes. Porque o ato de *Vorstellen* faz uso de imagens, do sensível e do pictórico (TAYLOR, 2014, p. 518).

Desta maneira, a *Vorstellung* é um modo de consciência que está se libertando consigo mesma, visando alcançar o universal. Contudo, não se encontra completo, porque ainda está presa no sensível, necessitando de imagens sensíveis. Ademais, a religião não é somente o conjunto de representações do Absoluto ou de Deus. Consequente à religião, o culto se torna a dimensão essencial da religião, não somente uma representação do absoluto, não sendo uma consciência de separação e a convocação à unidade, mas é o meio de se realizar a unidade com o sujeito (os seres humanos) com o divino (Absoluto ou Deus). Para Hegel, o culto não deve ser visto como ato do ser humano. O Absoluto chega ao conhecimento de si mesmo através do ser humano e a unidade do ser humano com Deus é também o retorno do Absoluto consigo mesmo. Conforme Taylor (2014):

Nos termos da teologia da “religião absoluta”, somos impelidos à adoração cültica pelo Espírito Santo. No final, o culto não consiste de dois atos, mas de um único ato que une dois sujeitos. A contradição teológica entre salvação pela graça de Deus e pela liberdade humana é resolvida, ou melhor, reconciliada no sistema especulativo hegeliano (TAYLOR, 2014, p.521).

Para Taylor, é a dimensão do culto que faz a religião transcender a simples consciência. É o culto que realiza a unidade, restaurando a unidade entre espírito finito e espírito infinito. O culto coloca do mesmo modo no terreno do espírito objetivo.

O domínio do espírito absoluto é o domínio daquelas formas de vida e práticas coletivas pelas quais o Espírito realiza a si mesmo, criando para si um sujeito na história que será capaz de ser um veículo de sua consciência de si, sendo a consciência de si efetiva alcançada no espírito absoluto. A dimensão da religião não é somente o culto, mas também a devoção e sentimento. A religião é a unificação do ser humano ao Absoluto. O sentimento se exprime por meio da fé. Hegel nunca mudou de opinião sobre o papel insubstituível da religião. “O que se alterou mais foi sua apreciação do cristianismo ortodoxo, que ele passou a ver com os olhos da filosofia especulativa como a religião absoluta, e não como uma aberração positiva do ensinamento puramente moral de Jesus” (TAYLOR, 2014, p.524). A representação da consciência de si é a religião.

Na filosofia hegeliana, a religião tem o infinito diante de si. Hegel nota na religião duas determinações: a primeira determinação como o Absoluto consciente para o sujeito, isto é, a consciência representadora, a forma objetiva, em que o sujeito se determina através da representação da essência do Absoluto em contraste consigo mesmo; e, em segundo lugar, como adoração e culto. Ou seja, a unificação do Absoluto com o ser finito, elevando-se à consciência com a essência divina. Assim, o objeto da religião é o Absoluto. Conforme Hegel (2004) enuncia:

Então, a religião e a filosofia têm como objetos comuns o que é em si e por si verdadeiro a Deus, enquanto é em si e por si, e ao homem em sua relação com Ele. Nas religiões os homens produziram o que sua consciência tem de mais elevado; as religiões são a obra mais elevada da razão; e é absurdo crer-se que são invenções dos sacerdotes para enganar o povo, como se o homem pudesse deixar-se enganar sobre questões relativas ao último e ao mais elevado (HEGEL, 2004, p. 103-104).

Neste sentido, o conteúdo da religião é o Absoluto, sendo somente manifesta por Deus. Dessa maneira, o seu saber é pura e simplesmente a manifestação. Para Hegel (1995): [...] “o espírito só é espírito na medida em que é para o espírito; e na religião absoluta é o espírito absoluto que manifesta, não mais seus momentos abstratos, mas a si mesmo” (HEGEL, 1995, §564, p.346). O Absoluto, conforme Hegel, só é compreendido, primeiramente, como entendimento reflexivo, avançando até o seu pensar conceituante. Contudo, é necessária uma apreensão correta e determinante no pensamento o que é Deus. Segundo Hegel (1995):

O espírito absoluto, tendo suprassumido a imediatez e a sensibilidade da figura do saber, é, segundo o conteúdo, o espírito essente em si da natureza e do espírito”. Como se vê, o absoluto só é absoluto quando suprassume-se a imediatez da representação (enunciado por Hegel como sensibilidade) e pensamento. Ou seja, o Absoluto só é absoluto na medida que se sabe como Absoluto, isto é, como autoconsciência (HEGEL, 1995, §565, p. 347).

Destarte, a representação, num primeiro momento, faz pressuposições uns para com os outros, e fenômenos que seguem uns para com os outros. A representação somente é suprassumida na fé no Absoluto através da devoção e do culto. Além disso, na representação, as formas se dividem em elementos particulares, em que cada elemento o Absoluto é exposto em: (1) conteúdo eterno; (2) enquanto diferenciação entre essência eterna e manifestação; e, (3) enquanto infinito retorno. Com a reconciliação do mundo com a essência divina. O Absoluto é exposto no elemento abstrato da essência, determinado como Criador do céu e da terra, como potência

substancial na determinação de reflexão da causalidade. Ademais, na esfera eterna o espírito gera a si mesmo como o seu Filho, permanecendo identitária com este diferente (o espírito), enquanto essa determinação - de ser diferente do universal - se suprassume eternamente, e por essa mediação da mediação, que suprassume, a primeira substância é essencialmente como singularidade concreta e subjetividade. Conforme Hegel (1995):

[...] Contudo, nessa esfera eterna, antes gera só a si mesmo como seu filho - permanece em identidade originária com este diferente, enquanto essa determinação - de ser diferenciado da essência universal - se suprassume eternamente, e por essa mediação da mediação, que se suprassume, a primeira substância é essencialmente como singularidade concreta e subjetividade: é o espírito (HEGEL, 1995, §565, p. 348).

Por conseguinte, no momento da particularidade eterna, essa essência concreta é o pressuposto, sendo que o movimento deste pressuposto é a criação do fenômeno, que é o desagregar-se do eterno momento da mediação, isto é, do Filho único, se opondo, de um lado, do céu e da terra, da natureza concreta; e, de outro lado, do espírito enquanto relação consigo mesma; por isso, do espírito finito. O espírito finito é a negatividade em si.

Ademais, na singularidade, isto é, da subjetividade e do conceito mesmo, enquanto oposição entre universalidade e particularidade, que retornou ao seu fundamento idêntico, apresenta-se: (1) como pressuposição, a substância universal, que, a partir de sua abstração, se efetivou na consciência de si singular, como imediatamente idêntica à essência, naquele Filho, transferido da esfera eterna à temporalidade; o mal se apresenta como a transferência da esfera eterna para à temporalidade, sendo suprassumido em si, em que retornado ao absoluto, veio para si como ideia do espírito eterno mas vivo, e presente no mundo; e, (2) como pressuposição essente em si, para a imediatez finita do sujeito singular; (3) como essência, em que a essência, a partir da mediação, se produz como consciência de si, manifestando-se como espírito universal; e, (4) a revelação do Absoluto a partir desses três silogismos.

Estes três silogismos são a revelação do Absoluto. Segundo Hegel (1995, §571, p.350): “Esses três silogismos constituem o silogismo único da mediação absoluta do espírito consigo mesmo são a revelação desse espírito, a qual representa a vida dele no ciclo de figuras concretas da representação”.

Considerações Finais

Compreendemos que é necessário, assim como Hegel o demonstra na enciclopédia, uma compreensão mais determinada do que é o Absoluto, uma vez que há diversas compreensões acerca deste conceito. Dessa forma, buscamos compreender, primeiramente, o Absoluto na filosofia hegeliana, particularmente, na enciclopédia, pois entendemos que, por ser datada em 1830, um ano antes do falecimento de Hegel, é a obra mais completa e atualizada. Adiante, o conceito de religião é o ponto-chave para essa busca, porque representa o Absoluto em suas determinações vitais: na arte (pelo artista), na religião (pelas representações) e, principalmente, pela filosofia (pelas determinações do pensamento). Logo, buscamos neste trabalho demonstrar o Absoluto pelo prisma hegeliano, bem como as implicações do conceito de religião na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas (1830): 3. Filosofia do Espírito*.

Tanto a religião como a filosofia têm como tarefa descobrir o significado mais alto da verdade: Deus ou Espírito Absoluto. Hegel desenvolve este percurso no todo de sua enciclopédia (*1. Ciência da Lógica; 2. Filosofia da Natureza; e, 3. Filosofia do Espírito*). Hegel se dedica em expor o seu pensamento a partir de suas obras, tais como: *Fenomenologia do Espírito, Enciclopédia das Ciências Filosóficas (1817, 1827 e 1830), Filosofia do Direito, Ciência da Lógica (1. Doutrina do Ser; 2. Doutrina da Essência; e, 3. Doutrina do Conceito)*, entre outros.

O pensamento de Hegel pode ser compreendido como uma filosofia sem pressupostos, uma vez que pode ser compreendido como uma visão de mundo, da totalidade e de si mesmo. A sistematicidade do pensamento de Hegel é tanta que influenciou a Modernidade até os dias atuais, possibilitando pensar: (a) no Pensamento, (b) na Natureza, (c) no Ser Humano, (d) na Liberdade, (e) na História, (f) na Ética e no Direito, (g) a Arte (e sua História), (h) Estética, (i) na Religião (e sua História), (j) a Filosofia como um todo.

Tanto a religião como o Absoluto são objetos necessários para a filosofia hegeliana, pois constituem parte integrante da vida dos seres humanos. A Religião é a representação do Absoluto em todos os aspectos da vida, pois se apresenta na Arte (e sua História), na Religião (e sua História) e na filosofia (e sua História). Ela aparece, primeiramente, como a representação exterior da natureza, isto é, a representação da

Ideia, exprimindo-se em um povo, em que a universalidade essente em si avança para a última determinação de sua riqueza: Deus ou Espírito Absoluto. É na religião que tratamos do Infinito e de suas determinações, buscando a verdade da essência Absoluta.

Referências bibliográficas

HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* (1830). 1. Ciência da Lógica, 2. Filosofia da Natureza, e, 3. Filosofia do Espírito. Trad. Paulo Menezes. São Paulo: Loyola, 1995.

_____. *Introdução à História da Filosofia*. Trad. Euclidy Carneiro da Silva. São Paulo: Editora Hemus, 2004.

HYPOLITE, J. *Gênese e Estrutura da Fenomenologia do Espírito*. Trad. Silvio Rosa Filho. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

TAYLOR, C. *Hegel: Sistema, Método e Estrutura*. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: É Realizações, 2014.